



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O “sexo” dos brinquedos: gênero na Educação Infantil

Maria Inês de Oliveira Sousa; João Berkson da Rocha Araújo; Andrea Abreu Astigarraga

Universidade Estadual Vale do Acaraú

inês.soll@hotmail.com; berksonjuntos@gmail.com; aas.tigarraga@hotmail.com

Resumo

Observamos nos últimos anos o avanço em relação aos estudos sobre gêneros. No entanto, a polaridade entre a cor rosa e a cor azul se mantém forte e parece definir, no senso comum, o gênero das crianças na sociedade. Como fazer para mudar este paradigma? Como trabalhar questões de gênero na infância sem estereótipos? Nesta perspectiva, buscamos conhecer e compreender as representações e estereótipos que os brinquedos fazem enquanto distinção dos sexos. Usamos como metodologia o relato de experiência após a aplicação de um projeto pedagógico interdisciplinar de intervenção, na educação infantil, durante a disciplina de Estágio Supervisionado, no curso de Pedagogia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O estágio ocorreu na Escola José Lourenço Filho, da rede pública do município de Sobral, na sala do Infantil IV. Observamos que na sala onde estagiamos predomina as desigualdades entre os sexos quando a professora titular separa os meninos das meninas e ao limitar o que eles podem ou não fazer, durante as atividades. Contudo, quando propomos atividades diferentes sobre relações de gênero na sala de aula, várias crianças aceitaram brinquedos que são culturalmente classificados como proibidos para o seu sexo, isso mostra a abertura das crianças para a mudança de paradigma e que o respeito às diferenças de gênero pode ser ensinado e aprendido, ou seja, as desconstruções das relações desiguais de gênero podem ser combatidas desde a infância.

Palavras-chave: Gênero, Educação Infantil, Estágio, Interdisciplinaridade.

1. Introdução

Os estudos sobre gênero vêm avançando, mas, incoerentemente, observa-se que os Planos Municipais de Educação que estão sendo discutidos e reformulados no Brasil nem sempre acompanham esses avanços teóricos, gerando um conflito com as necessidades educacionais atuais. Constatamos através dos meios de comunicação de massa que em muitos municípios a temática sobre discussão de gênero encontrou resistência e manteve seu *status* conservador. Mas, se a escola é um local de socialização e aprendizagem, porque ignorar temas relevantes como este? Negar os estudos de gênero ou orientação sexual na escola é uma



tentativa de invisibilizar a ampliação das relações de gênero na sociedade e conservar um modelo no qual se deve restringir somente a dois sexos.

Mesmo que as questões de gênero não estejam presentes em alguns Planos Municipais de Educação o que impede as escolas de abordarem questões relacionadas ao este estudo? Este assunto é tão relevante que eles estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. O mesmo traz um conjunto de documentos de temas transversais onde se discute a necessidade da escola de cumprir seu papel social debatendo temas, tais como: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

Mas, em que medida a questão de gênero é relevante na formação dos pedagogos e pedagogas? Como trabalhar as relações de gênero e sexualidade na educação infantil? Sabendo que o termo gênero surge de uma construção social e que busca compreender melhor as relações entre os vários sexos, tais como, homens, mulheres, homossexuais, transgêneros, entre outros, torna-se imprescindível que a escola desde a educação infantil aborde essas relações, dentro das possibilidades de compreensão das crianças.

Nesta perspectiva, a elaboração deste artigo surge através de um projeto interdisciplinar construído no Seminário de Práticas Interdisciplinares e aplicado no Estágio Supervisionado na Educação Infantil, do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú. O estágio foi aplicado na rede pública do município de Sobral, na Escola José Lourenço Filho, na sala do infantil IV.

Durante as observações na sala de estágio, percebemos que a professora titular separa os meninos das meninas, tanto na organização espacial quanto na realização das atividades lúdicas, ou seja, tem uma definição clara de brinquedos para os meninos e brinquedos para as meninas. Diante disso, buscamos observar como as crianças reagem quando são questionadas e quando propomos atividades diferentes, a respeito de seus brinquedos e brincadeiras no que tange as relações de gênero e de sexualidade. Também consideramos a visão da professora titular e das famílias das crianças a respeito do tema gênero.



2. Metodologia

A metodologia deste trabalho foi um relato de experiência feito no estágio supervisionado em educação infantil, no curso de pedagogia. A aplicação do projeto aconteceu na sala do infantil IV. O título do projeto pedagógico interdisciplinar foi: *Construindo a igualdade de gênero na escola*. Isto porque durante o período de estágio percebemos que a professora titular separava os meninos e as meninas durante as atividades, na escolha de brinquedos, utensílios, etc. O quadro abaixo mostra como as atividades foram planejadas:

DATA	EIXO E COMPETÊNCIAS	CONTEÚDO	ATIVIDADES
13/04/2015			
Primeiro dia	Eixo: Sociedade Competências: Desconstruir conceitos normativos de atribuições de papéis de gênero; Reconstruir valores sociais e culturais;	Diferença de gêneros;	Roda de conversa sobre o tema; Exposição de brinquedos onde eles irão escolher;
Segundo dia 14/04/2015	Eixos: Natureza (Ciência) e Movimento Competência: Identificar a Diferença biológica (partes do corpo)	Partes do corpo; Alteridade.	Realização da brincadeira “queixo com queixo” onde as crianças poderão reconhecer e explorar partes de seu corpo e de seus colegas
Terceiro dia 15/04/2015	Eixos: Linguagem e arte Competência: Desenvolver habilidades artísticas, motoras e corporais	Diversidade sexual; Formação da subjetividade	Contação de história: releitura adaptada “O Cinderelo” Reconto através de desenhos.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

3. Resultados e discussão

O gênero, em sua essência histórica e cultural, configura-se como constituinte da identidade dos sujeitos (LOURO 1997). Visto isso, nota-se que se faz necessário desde já desconstruir ideias, ensinamentos, valores, normas e regras que são impostas pelos adultos, mídia e sociedade no que se refere ao *modo como cada criança tem que ser*.

Segundo Carreiro (2013), a escola reforça as diferenças sexuais e promove a ideia de uma naturalização do comportamento sexual ajustada nas normas de gênero. No entanto, se antes a abordagem de gênero se referia apenas na dissociação entre homem e mulher e aos papéis atribuídos a cada sexo, hoje se deve ter em mente que esta abordagem requer numa discussão mais ampla, pois vivemos numa sociedade onde a diversidade sexual está atrelada ao processo identitário de cada indivíduo.

A esse respeito, a autora faz uma abordagem sobre as dicotomias que se apresentam à escola e entre elas se destacam o masculino e o feminino. De acordo com a autora, “demarcando e limitando espaços, a escola vai tratando de classificar e hierarquizar os seus sujeitos [...] adultos e crianças; cristãos e não cristãos; brancos e negros; ricos e pobres e por fim, meninos e meninas” (CARREIRO, 2013, p.12). Para a sociedade, escola e família comportamentos de crianças que fogem dos padrões estabelecidos logo são vítimas do preconceito. Então resta somente achar culpados para esse desafio de conduta e punir a criança para que ela não fuja das normas estabelecidas pelo *status quo*.

De acordo, com (LOURO, 1997, p.58): “[...] a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” Dessa forma, a escola vem assumindo um papel vital na reprodução e construção da masculinidade e feminilidade. Essa afirmação pode ser compreendida a partir da crítica ao senso comum feita pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: “[...] as crianças são seres *puros e*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

inocentes que não têm sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem uma conotação de algo feio, sujo, pecaminoso” (BRASIL, 1998 p. 296). Para Louro a falta de discussão por parte da escola em relação a assuntos relacionados à sexualidade não se justifica. “A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se *despir*.” (LOURO, 1997, p.81)

Dessa forma, o estudo deste tema se torna indispensável aos educadores da educação infantil, pois estes lidam diariamente com as crianças em suas descobertas, elaboração de comportamentos e aprendizagens. A esse respeito, Vianna e Finco (2009, p. 271) afirmam:

O direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados.

É evidente que a escola assume um papel essencial e fundamental na sociedade em que vivemos. Sua existência permite a troca e interligações de saberes que contribuem na construção de valores e para o processo identitário da criança. Dessa maneira, visto que a criança está exposta a todo tipo de informação, a escola assume o papel de organizar e *selecionar* tais informações de maneira significativa.

Esse processo se dá a partir do currículo escolar onde se tenta implementar, construir/reconstruir os saberes das crianças. Sabemos que durante o ensino da educação infantil o lúdico e as atividades trabalhadas com e para as crianças devem ser de maneira interdisciplinar, pois a partir dessa proposta trabalha-se com todos os eixos: Sociedade, Natureza, Códigos e Linguagens.

A aprendizagem tradicional, moldada pelo currículo disciplinar, impossibilita a transformação, para um modelo interdisciplinar, em que os professores possam mover-se junto com seus alunos na construção do conhecimento. Andrade (1998) afirma, que: “Fragmentando-se o conhecimento acumulado, através de um currículo disciplinar,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fragmenta-se o próprio, homem (o aluno e o professor), que fica então fragilizado e é facilmente dominado.” (p.99)

Diante disso, a interdisciplinaridade surge como possibilidade de integrar e articular conteúdos, proporcionando a interdependência entre as áreas do conhecimento e percebendo o mesmo como uma totalidade, a fim de torná-lo harmônico e significativo. Aos educadores infantis, compete o trabalho de criar condições favoráveis para desenvolver as reais potencialidades da criança e o desafio de interligar saberes para a compreensão da realidade como um todo, assumindo uma postura de reciprocidade e diálogo.

Entretanto, parece aceitável que pautas sociais como esta seja vista sem sentidos ou sem importância para se trabalhar com as crianças em sala, mas ao contrário, ao se trabalhar a relevância deste assunto a escola juntamente com o professor permite aos educando uma compreensão/assimilação das desigualdades entre meninos e meninas na sala de aula e na família desde as brincadeiras, brinquedos, vestimentas, modos de sentar, falar, etc. entre outras imposições que são feitas às crianças sem dar nenhuma explicação conclusante.

Neste contexto é importante salientar que este conteúdo não pode ser abordado de forma impositiva, pois lida com os aspectos culturais que cada pessoa carrega consigo. Assim, a abordagem de gênero deve se iniciar primeiramente com uma articulação com os educadores. A partir de então, pode ser inserido de forma progressiva e interdisciplinar nas salas de educação infantil. Finco (2003, p. 96) acrescenta:

Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo, repensar sua prática educativa.

Felipe e Bello (apud CARREIRO, 2013) assinalam que a metodologia utilizada pela escola é de conter os riscos de condutas visto como *desviantes* e onde o brinquedo é um forte



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

instrumento para rotular comportamentos de meninas e meninos e para definir/redefinir suas identidades. Conforme os autores “as educadoras, quando buscam de forma insistente conduzir as crianças para um determinado tipo de brincadeira, estão transformando o brincar e o brinquedo em poderosos *instrumentos pedagógicos* (p.149). Dessa maneira o papel do professor na escola, além de mediar conhecimentos é também de vigiar e *corrigir* a sexualidade da criança.

Mesmo sendo bem pequenina a criança já evidencia dos recursos que se dispõe a ser trabalhada com elas “uma compreensão social de vários aspectos de grupo do qual participa e com o qual se comunica, buscando ativamente ajustar o seu comportamento aos dos parceiros.” (LIRA e PEDROSA, 2007 p.83). Dessa maneira, entre diferentes aspectos a criança já demonstra uma compreensão ao que se refere às características e implicações das concepções de gênero.

Ao expor vários brinquedos a ambos os sexos fica evidente que tanto os brinquedos como também as brincadeiras refletem no estereótipo e divisão entre os sexos. Percebemos isso durante a aplicação do projeto interdisciplinar na sala do Infantil IV, pois, as crianças mostraram grande resistência em ter contato com brinquedos que culturalmente são apresentados como do gênero oposto. Dessa maneira, sabendo que a criança tende a reproduzir cultura, regras, normas entre outros valores que a sociedade lhe impõe. O exemplo disso é que a criança é subjetivada a crescer sempre com a ideia de que a distinção entre os sexos está sempre representada a partir das cores e brinquedos, ou seja, carrinhos, bonecos e a cor azul são *coisas* de menino.

Pensamentos como este são diariamente reforçados pela mídia, família e infelizmente também pela escola. Dessa maneira, as atribuições de papéis de gênero limitam a diversidade do que meninos e meninas podem ser e fazer. Na educação infantil, isso se observa claramente nas separações de brinquedos, brincadeiras e cores *de meninos* e *de meninas*, fazendo com que seu universo criativo e exploratório seja drasticamente reduzido.

Por mais que as crianças desconheçam os significados e até mesmo as palavras gênero e sexualidade elas distinguem muito bem os papéis atribuído a cada sexo. No primeiro dia da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aplicação do projeto foi realizada uma apresentação através de uma roda de conversa informal com as crianças onde discutimos as relações entre meninos e meninas através de indagações mediadas por mim (estagiária) como também pela professora, por exemplo: Porque os meninos só brincam de carrinho, bola e boneco? As meninas não podem brincar também? Porque as meninas só brincam de bonecas, casinhas? E os meninos? Porque eles não podem participar dessa brincadeira.

Através dessas indagações, as crianças buscaram diversas justificativas. Segundo as crianças: carrinho, bola e boneco são coisas de homem, como foi destacado pelos meninos. Já as meninas afirmaram que boneca é brincadeira de mulher. Depois, todos afirmaram que os meninos não podem brincar de boneca nem tampouco as meninas podem brincar de boneco ou de carrinho. Pois, na concepção deles se isso acontecesse ambos mudariam de sexo.

Essa discussão foi gerada devido a uma exposição de brinquedos onde as crianças escolhiam os brinquedos que eles mais gostavam e se identificavam. Ao verem vários brinquedos, a sala logo se dividiu, pois as crianças alegavam que as meninas não podiam brincar com coisas de meninos e vice-versa. Questionados sobre o motivo de não brincarem juntos, uma aluna relata que: *“a minha mãe diz só homem é quem brinca de carrinho e boneco, e eu não sou homem, tia”*, enquanto o garotinho que estava ao seu lado diz: *“e meu pai e minha mãe diz que homem não pode brincar com coisa de mulher e homem que brinca de boneca é mulherzinha”*. Nota-se que os estereótipos que as crianças trazem em relação às identificações entre ser homem e mulher está atrelada a representações no qual a sexualidade é identificada através dos brinquedos.

Desconstruir esses preconceitos trazidos pelas crianças não é uma tarefa fácil, necessita de uma mudança geral do modo como à sociedade ver e pensa o significado de ser homem e ser mulher. Embora as crianças sejam subjetivadas pelas ideias predominantes na sociedade percebemos grandes resultados feitos no decorrer da aplicação do projeto.

Algumas crianças começavam a trocar de brinquedos com crianças do outro sexo, assim houve uma interação maior entre as crianças no decorrer das atividades, pois eles



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

começaram a entender que o fato de um menino brincar de boneca não faz dele uma menina e com a menina da mesma maneira.

Mas essas atitudes provocaram a ação-resistência da mãe de um aluno que ao chegar à sala de seu filho, questionou a professora por que ele está brincando com *coisas* de menina. A mãe alegou que havia ficado preocupada, pois seu filho tinha chegado em casa dizendo que estava brincando com brinquedo de menina e pediu á professora que não deixasse mais ele brincar de boneca.

A resposta da professora titular foi que a atividade fora desenvolvida por uma estagiária, em um projeto externo à proposta da escola e que já estava sendo finalizado.

Essa preocupação da mãe revela um medo homofóbico ilusório onde a criança vai definir sua identidade de gênero através do brinquedo. Para ela o contato que a criança teve com o brinquedo podia fazer com que ele se tornasse homossexual. Pensamentos como estes são comuns e geram preconceitos e discriminações.

Por isso, a escola deve assumir o papel fundamental de desconstruir pensamentos como este. Isso requer engendrar uma escola e um modelo de educação onde o trabalho de discussão da igualdade de gênero seja trabalhado sem reforçar os preconceitos, e promovendo o respeito às diferenças.

4. Conclusão

Infelizmente as questões de gênero, em geral, não são tratadas devidamente nas salas de aula. Na educação infantil esta dificuldade aumenta devido aos tabus construídos em torno da discussão da sexualidade, com as crianças. Porém, mesmo assim, é cada vez mais necessário que esta discussão seja introduzida na escola. A aplicação deste projeto nos permitiu ver as diversas reações. O questionamento da mãe é um dos reveladores desta necessidade. A resposta da professora titular é significativa sobre a lacuna na formação dos



pedagogos, se eximindo totalmente da situação. A reação inicial das crianças em relação aos brinquedos também.

Ao mesmo tempo o projeto também serviu como possibilidade de atuar-questionar e abrir oportunidade e apontou a possibilidade de saídas. Como futura docente, este trabalho contribuiu muito, tanto na relação prática com as crianças, como na percepção que as questões de gênero podem ser trabalhadas em qualquer faixa etária. O fato de diversas crianças terem aceitado brinquedos que são culturalmente *indicados para o outro sexo* mostra a abertura que elas têm para compreenderem que o respeito às diferenças pode ser apreendidos, assim como, as desconstruções das relações desiguais de gênero também podem ser combatidas desde a infância. Refletir sobre questões de gênero contribui para a promoção de uma educação democrática e inclusiva, livre de preconceitos e discriminações. Além disso, lidar com questões de gênero é uma forma de desconstruir os padrões pré-estabelecidos nesse respeito.

Abordar e discutir questões relativas ao gênero dentro do âmbito da educação infantil de maneira interdisciplinar é de extrema relevância, uma vez que tais questões podem perpassar por diversas áreas do conhecimento. Portanto, a interdisciplinaridade se faz imprescindível desde a Educação Infantil. Embora nesta não haja, de fato, disciplinas, é possível estabelecer diálogo entre os seus diversos eixos. Considerar os eixos da educação infantil não como compartimentos, ou conhecimentos independentes um do outro, mas como conteúdos que interagem entre si, e que possibilita que cada um possa enriquecer-se cada vez mais.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

5. Referências

ANDRADE, Rosamaria Calaes. **Interdisciplinaridade**: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Iris Barbosa (org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 2. ed. RJ: Vozes, 1998.

ARCARI, Caroline. **Guia do professor**. Educação sexual para crianças de 0 a 10 anos. Disponível em: <http://www.edusex.com.br/guias.php>> Acesso em 03/06/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Vol. 10, Brasília, 1997. Disponível em: http://www.edusex.com.br/downloads/pcn_orien_sex.pdf> Acesso em 15/06/2015.

CARREIRO, Lidiane. **Conceitos e preconceitos sobre sexualidade na educação infantil**. In: **Enlaçando Sexualidades**, 2013, Salvador. Anais do Seminário Enlaçando Sexualidades, 2013.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**: Dossiê: Educação Infantil e Gênero, vol. 14, nº 42, 2003, p.89-102.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista/ Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIRA, Pedro Paulo Bezerra; PEDROSA, Maria Isabel. **Compreensão social de gênero pela criança**. In: COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos; COLAÇO, Veriana de Fátima R.; COSTA, Nelson Barros (Orgs). Modos de brincar, lembrar e dizer discursividade e subjetivação. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

ROCHA, Sergio Lizias Costa de Oliveira. **As multiplicidades de discursos de gênero, através das práticas lúdicas, no contexto da educação infantil**. In: COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos; COLAÇO, Veriana de Fátima R.; COSTA, Nelson Barros (Orgs) Modos de brincar, lembrar e dizer discursividade e subjetivação. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 33, Dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332009000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Mar. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO